

PEDAGOGOS POR QUÊ?

Eliane Hubner da Silva Rodrigues¹

RESUMO

Estamos diante de uma sociedade genuinamente pedagógica. Nesses termos, é visível que somente através da conscientização do papel indispensável de educar atribuído ao pedagogo, é que será possível reverter o baixo nível de aprendizado em que a maioria das crianças se encontra. O Brasil necessita de uma Pedagogia em sentido amplo para favorecer o ensino/aprendizagem. Uma pedagogia que permita formar uma consciência crítica por parte dos cidadãos que defendem a sociedade, da qual fazemos parte, todos nós que criticamos a educação de modo geral. Uma Pedagogia que traga reflexões bem fundamentadas, que produza resultados benéficos para toda sociedade. Partindo da criticidade, contribuir para desfazer a falta de confiança que os profissionais da educação criam com relação à própria formação. Este artigo defende a mudança de atitudes por parte dos educadores frente aos desafios da sociedade, a partir da discussão de quem é o pedagogo, sua formação e os desafios de sua atividade profissional.

Palavras-chave: pedagogia, pedagogos, prática social, formação de professores.

ABSTRACT

We are facing a society genuinely educational. In these terms, it is clear that only through awareness of the vital role of educating assigned to the educator, is that you can reverse the low level of learning in which most children are. Brazil needs a pedagogy in a broad sense to favor the teaching / learning. A pedagogy that allows form a critical awareness by citizens who defend the society to which we belong, we all criticize education in general. A pedagogy that brings well-reasoned reflections that produce beneficial results for the whole society. Based on the criticality, help dispel the mistrust that education professionals create regarding training itself. This article advocates a change in attitudes on the part of educators to meet the challenges of society, from the discussion of who is the teacher, their training and the challenges of their professional activity.

Keywords: pedagogy, educators, social practice, teacher training.

¹ Licenciada em Pedagogia, cursou MBA em Gestão de Pessoas nas Faculdades OPET, é coordenadora pedagógica do Instituto Teológico Quadrangular de Curitiba (Campo Comprido) e professora do curso de Pedagogia da Uniasselvi.

1 INTRODUÇÃO

“Dai ao teu filho fortuna ao invés de educação e, quando partires, tudo o que conseguistes será dissipado. Dai ao teu filho educação ao invés de fortuna e, quando partires, tudo o que conseguistes será multiplicado”. JOEL ALVES BEZERRA

É inegável que estamos diante de uma sociedade genuinamente pedagógica, conforme expressão de BEILLEROT (1985).

Apesar disso, a Pedagogia como campo de estudos específicos vive, hoje, no Brasil, um grande paradoxo. Por um lado, está em alta na sociedade. Nos meios profissionais, políticos, universitários, sindicais, empresariais, nos meios de comunicação, nos movimentos da sociedade civil, verificamos uma redescoberta da Pedagogia. Observamos uma movimentação na sociedade mostrando uma ampliação do campo do educativo com a consequente repercussão no campo do pedagógico. Enquanto isso, essa mesma Pedagogia está em baixa entre intelectuais e profissionais do meio educacional, com uma forte tendência em identificá-la apenas com a docência, quando não para desqualificá-la como campo de saberes específicos. Os próprios pedagogos – falo especificamente dos que lidam com a educação escolar – parecem estar se escondendo de sua profissão ao não fazerem frente às investidas contra a Pedagogia e ao exercício profissional dos ²pedagogos especialistas, adotando uma atitude desinteressada frente à especificidade dos estudos pedagógicos e aos próprios conteúdos e processos que eles representam. Por razões ainda muito pouco esclarecidas, boa parte dos sociólogos da educação, psicólogos da educação, filósofos da educação, que têm seus empregos e suas pesquisas em faculdades de educação, vêm se mobilizando pela desativação dos estudos específicos da Pedagogia.

Entretanto, a sociedade atual é eminentemente pedagógica, ao ponto de ser chamada de sociedade do conhecimento. Vejamos alguns exemplos. Está se acentuando o poder pedagógico dos meios de comunicação: TV, imprensa, escrita, rádio, revistas, quadrinhos. A mídia se especializa em fazer cabeças, não apenas no campo econômico, político; especialmente no campo moral, vemos diariamente a veiculação de mensagens educativas, a disseminação de saberes e modos de agir através de programas, vinhetas e chamadas sobre educação ambiental, AIDS, drogas, saúde. Há práticas pedagógicas nos jornais, nas rádios, na produção de material informativo, tais como livros didáticos e paradidáticos, enciclopédias, guias de turismo, mapas, vídeos, revistas; na criação e elaboração de jogos, brinquedos; nas empresas, há atividades de supervisão do trabalho, orientação de estagiários, formação profissional em serviço. Há uma prática pedagógica nas academias de educação física, nos consultórios clínicos. Na esfera dos serviços públicos estatais, são disseminadas várias práticas pedagógicas de assistentes sociais, agentes de saúde, agentes de promoção social nas comunidades, etc. São práticas tipicamente pedagógicas. Os programas sociais de medicina preventiva, informação sanitária, orientação sexual, recreação, cultivo do corpo, assim como práticas pedagógicas em presídios, hospitais, projetos culturais são ampliados. Ano a ano aumenta o número de congressos, simpósios, seminários. São desenvolvidas, em todo o lugar, iniciativas de formação continuada nas escolas, nas indústrias. As empresas reconhecem a necessidade de formação geral como requisito para enfrentamento da intelectualização do processo produtivo.

Considerando, ainda, os vínculos entre educação e economia, as mudanças recentes no capitalismo internacional colocam novas questões para a Pedagogia.

Estamos frente a exigências de formação de um novo educador. Verificamos, assim, uma ação pedagógica múltipla na sociedade, em que o pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não formal, criando formas de educação paralela, desfazendo praticamente todos os nós que separavam escola e sociedade.

2 O QUE É A PEDAGOGIA, QUEM É O PEDAGOGO?

A ideia de senso comum, inclusive de muitos pedagogos, é a de que Pedagogia é ensino, ou melhor, o modo de ensinar. Uma pessoa estuda Pedagogia para ensinar crianças. O pedagógico seria o metodológico, o modo de fazer, o modo de ensinar a matéria. Trabalho pedagógico seria o trabalho de ensinar, de modo que o termo *pedagogia* estaria associado exclusivamente a ensino.

Há, de fato, uma tradição na história da formação de professores no Brasil segundo a qual pedagogo é alguém que ensina algo. Essa tradição teria se firmado no início da década de 30, com a influência tácita dos chamados “pioneiros da educação nova”, tomando o entendimento de que o curso de Pedagogia seria um curso de formação de professores para as séries iniciais da escolarização obrigatória. O raciocínio é simples: educação e ensino dizem respeito a crianças (inclusive porque “peda”, do termo pedagogia, é do grego “paidós”, que significa criança).

Ora, ensino se dirige as crianças, então quem ensina para crianças é Pedagogo. E para ser Pedagogo, ensinador de crianças, é preciso fazer um curso de Pedagogia. Foi essa ideia que permaneceu e continua viva na experiência brasileira de formação de professores. Aliás, a aceitar esse raciocínio, não sabemos por que os cursos de licenciatura também não receberam a denominação de cursos de Pedagogia.

Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais. Não há sociedade sem práticas educativas. Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas.

O campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola. De modo que não podemos reduzir a educação ao ensino e nem a Pedagogia aos métodos de ensino. Por consequência, se há uma diversidade de práticas educativas, há também várias pedagogias: a pedagogia familiar, a pedagogia sindical, a pedagogia dos meios de comunicação, etc., além, é claro, da pedagogia escolar.

3 O EXERCÍCIO PROFISSIONAL DO PEDAGOGO

O Pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e

assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica.

Esse entendimento permite falar de três tipos de pedagogos:

1) Pedagogos *lato sensu*, já que todos os profissionais se ocupam de domínios e problemas da prática educativa em suas várias manifestações e modalidades, são, genuinamente, pedagogos. São incluídos, aqui, os professores de todos os níveis e modalidades de ensino;

2) Pedagogos *stricto sensu*, como aqueles especialistas que, sempre com a contribuição das demais ciências da educação e sem restringir sua atividade profissional ao ensino, trabalham com atividades de pesquisa, documentação, formação profissional, educação especial, gestão de sistemas escolares e escolas, coordenação pedagógica, animação sociocultural, formação continuada em empresas, escolas e outras instituições;

3) Pedagogos *ocasionais*, que dedicam parte de seu tempo em atividades conexas à assimilação e reconstrução de uma diversidade de saberes.

O curso de Pedagogia se destina a formar o Pedagogo-especialista, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos, para atender demandas socioeducativas (de tipo formal, não formal e informal) decorrentes de novas realidades, tais como novas tecnologias, novos atores sociais, ampliação do lazer, mudanças nos ritmos de vida, sofisticação dos meios de comunicação. Além disso, informar as mudanças profissionais, desenvolvimento sustentado, preservação ambiental, nos serviços de lazer e animação cultural, nos movimentos sociais, nos serviços para a terceira idade, nas empresas, nas várias instâncias de educação de adultos, nos serviços de psicopedagogia, nos programas sociais, na televisão e na produção de vídeos e filmes, nas editoras, na educação especial, na requalificação profissional, etc.

A caracterização de Pedagogo-especialista é necessária para distingui-lo do profissional docente. Importa formalizar uma distinção entre trabalho pedagógico (atuação profissional em um amplo leque de práticas educativas) e trabalho docente (forma peculiar que o trabalho pedagógico assume na escola). Caberia, também, entender que todo trabalho docente é trabalho pedagógico, mas que nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente. Fica claro, portanto, que há uma diversidade de práticas educativas na sociedade e, em todas elas, desde que se configurem como intencionais, está presente a ação pedagógica. A contemporaneidade mostra uma “sociedade pedagógica”, revelando amplos campos de atuação pedagógica. A partir de indicações de BEILLEROT (1985), podemos definir para o pedagogo duas esferas de ação educativa: escolar e extraescolar.

No campo da ação pedagógica escolar, há três tipos de atividades que se distinguem:

a) a de professores do ensino público e privado, de todos os níveis de ensino e dos que exercem atividades correlatas fora da escola convencional;

b) a de especialistas da ação educativa escolar operando nos níveis centrais, intermediários e locais dos sistemas de ensino (supervisores pedagógicos, gestores, administradores escolares, planejadores, coordenadores, orientadores educacionais, etc.);

c) especialistas em atividades pedagógicas paraescolares atuando em órgãos públicos, privados e públicos não estatais, envolvendo associações populares, educação de adultos, clínicas de orientação pedagógica/ psicológica, entidades de recuperação de portadores de necessidades especiais, etc. (instrutores, técnicos, animadores, consultores, orientadores, clínicos, psicopedagogos, etc.)

No campo da ação pedagógica extraescolar, há profissionais que exercem sistematicamente atividades pedagógicas e os que ocupam apenas parte de seu tempo nessas atividades:

a) formadores, animadores, instrutores, organizadores, técnicos, consultores, orientadores, que desenvolvem atividades pedagógicas (não escolares), em órgãos públicos, privados e públicos não estatais, ligadas às empresas, à cultura, aos serviços de saúde, alimentação, promoção social, etc.;

b) formadores ocasionais, que ocupam parte de seu tempo em atividades pedagógicas, em órgãos públicos estatais, não estatais e empresas, referentes à transmissão de saberes e técnicas ligados a outra atividade profissional especializada. Falo, por exemplo, de engenheiros, supervisores de trabalho, técnicos, etc., que dedicam boa parte de seu tempo a supervisionar ou ensinar trabalhadores no local de trabalho, orientar estagiários, etc. Nessa categoria, são incluídos trabalhadores sociais, monitores e instrutores de recreação e educação física, bem como profissionais das mais diversas áreas, nas quais ocorre algum tipo de atividade pedagógica, tais como: administradores de pessoal, redatores de jornais e revistas, comunicadores sociais e apresentadores de programas de rádio e TV, criadores de programas de TV, de vídeos educativos, de jogos e brinquedos, elaboradores de guias urbanos e turísticos, mapas, folhetos informativos, agentes de difusão cultural e científica, etc.

“...a posição que temos assumido é a que a escola pública necessita de um profissional denominado pedagogo, pois entendemos que o fazer pedagógico, que ultrapassa a sala de aula e a determina, configura-se como essencial na busca de novas formas de organizar a escola para que esta seja efetivamente democrática. A tentativa que temos feito é a de avançar da defesa corporativista dos especialistas para a necessidade política do pedagogo, no processo de democratização da escolaridade”. (PIMENTA, 1988)

4 O CURSO DE PEDAGOGIA E A FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS

O termo “Pedagogia” se aplica ao campo teórico-investigativo da educação (em conexão com as demais ciências da educação) e ao campo técnico-profissional de formação do profissional não diretamente docente e, o de “pedagogo”, ao profissional formado nesse curso. É dissolvida, assim, a designação *pedagogia* para identificar o curso de formação de professores para as séries iniciais do ensino fundamental, postulando a regulamentação do curso de Pedagogia destinado a oferecer formação teórica, científica e técnica para interessados em aprofundamento na teoria pedagógica, na pesquisa pedagógica e no exercício de atividades pedagógicas específicas – planejamento de políticas educacionais, gestão do sistema de ensino e das escolas. Esses profissionais da educação devem ser formados, predominantemente, nas atuais Faculdades de Educação, que oferecerão curso de Pedagogia para atividades escolares e extraescolares, cursos de formação de professores para toda a Educação Básica, programa especial de formação pedagógica e programas de educação continuada.

4.1 CAMPO DE CONHECIMENTO PEDAGÓGICO

É o estudo científico e filosófico da educação e os conhecimentos teóricos e práticos de sua aplicação são agrupados em três áreas:

a) Conhecimentos científicos e filosóficos da educação. As disciplinas desta área formam uma parte do núcleo básico de formação. São elas: Filosofia da Educação, Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, Psicolinguística, Teorias da Comunicação, História da Educação, Teoria do Conhecimento, etc.

b) Conhecimentos específicos da atividade, teóricos e práticos. Por exemplo: Teoria da Educação, Organização Escolar, Política Educacional, Estrutura e Funcionamento do Ensino, etc.

c) Conhecimentos técnico-profissionais específicos. Exemplo: Princípios e Práticas de Administração Escolar, Orientação Educacional, Currículo, etc.

4.2 ÁREAS DE ATUAÇÃO

Os profissionais da educação formados pelo curso de Pedagogia atuam em vários campos educativos, decorrentes de novas necessidades e demandas sociais a serem regulados profissionalmente. Tais campos são: as escolas e os sistemas escolares; os movimentos sociais; as diversas mídias, incluindo o campo editorial; a áreas da saúde; as empresas; os sindicatos e outros que se fizerem necessários.

Em todos esses campos de exercício profissional, desenvolverá funções de formulação e gestão de políticas educacionais; organização e gestão de sistemas de ensino e de escolas; planejamento, coordenação, execução e avaliação de programas e projetos educacionais, relativos às diferentes faixas etárias (criança, jovens, adultos, terceira idade); formação de professores; assistência pedagógico-didática a professores e alunos; avaliação educacional; pedagogia empresarial; animação cultural; produção e comunicação nas mídias; produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico do campo educacional e outros campos de atividade educacional, inclusive os não escolares.

Portanto, a formação dos profissionais da educação deve contemplar a preparação daqueles profissionais da área educacional demandados pela sociedade brasileira, em sua configuração atual, para atuarem na organização e na gestão de todos os segmentos do sistema nacional de ensino. Com igual insistência, é também necessária a formação de estudiosos que se dediquem à construção do conhecimento científico na área, uma vez que a educação também é considerada como um campo teórico-investigativo e que a produção desse conhecimento é requisito fundante de toda formação técnica e docente. Assim, a formação do profissional da educação é vista sob uma tríplice perspectiva: visa formar um profissional que possa atuar como docente (atual licenciado), como especialista (detentor das atuais habilitações) e como pesquisador (o atual bacharel, como essa modalidade tem sido mantida).

5 OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DO CURSO DE PEDAGOGIA

A Pedagogia como campo científico foi perdendo prestígio e espaço acadêmico com o movimento da educação nova a partir dos anos 20 e, mais tarde, com o tecnicismo educacional, depois com a onda crítico-reprodutivista dos anos 70-80. Mais recentemente, a carga de contestação vem do chamado pensamento pós-moderno, uma vez que a

Pedagogia se constituiu dentro do mundo “moderno” e representa ainda o ideário iluminista. É nosso entendimento que, de fato, a condição pós-moderna põe à educação desafios bastante concretos. Ao mesmo tempo, pensamos que a Pedagogia, herdeira dos ideais da modernidade, precisa continuar postulando seus ideais numa perspectiva crítica, todavia.

“no interior das condições de existência do mundo pós-moderno e não em oposição a elas” (GIROUX, 1993).

Nessa perspectiva, quais são os desafios e buscas postos presentemente à Pedagogia? Destaco, em seguida, alguns pontos que precisam se constituir em projetos de investigação:

1) Reafirmar a educação como capacitação para a autodeterminação racional, pela formação da razão crítica

A Pedagogia precisa reafirmar seu compromisso com a razão, com a busca da emancipação, da autonomia, da liberdade intelectual e política. O pensamento pós-moderno critica a possibilidade dessa busca de autonomia no mundo contemporâneo. Há restrições à autonomia do sujeito face às relações de poder, à vigilância das ações individuais, à burocratização, à racionalidade instrumental, à subjugação da subjetividade. Todavia, uma Pedagogia para a emancipação, precisa continuar apostando na possibilidade de desenvolvimento de uma razão crítica precisamente como condição para desvelar as restrições à autonomia no contexto do mundo moderno.

A essa ideia de sujeito que pode se autodeterminar, é necessário sustentar a exigência de uma cultura geral para todos. Ou seja, racionalidade, autodeterminação e liberdade intelectual e política não procedem do sujeito individual, mas são objetivações de uma atividade cultural humana prévia, expressa em conhecimentos, modos de ação e numa prática educativa válida para todos os homens. Vem daí a força do termo educação geral ou formação geral para todos. Em síntese: diz respeito a uma educação para todos, para desenvolvimento da capacidade de autodeterminação, com base nas objetivações históricas da humanidade e das possibilidades de progresso.

2) Redefinir o conceito de qualidade democrática numa pedagogia Emancipatória

A escola não é uma empresa, o aluno não é um cliente e nem meramente um consumidor. A qualidade é um conceito implícito aos processos formativos e ao ensino, implica educação geral onilateral, voltada para a cidadania, para a formação de valores, para a valorização da vida humana em todas as suas dimensões. Isso não leva a educação escolar a se eximir do seu contexto político e econômico, nem sequer de suas responsabilidades de preparação para o trabalho, mas, também, não pode estar subordinada ao serviço exclusivo do modelo econômico.

Educação de qualidade é aquela em que a escola promove *para todos* o domínio de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas necessários ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos, à inserção no mundo do trabalho, à constituição da cidadania (inclusive como poder de participação), tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A articulação da escola com o mundo do trabalho se torna a possibilidade de realização da cidadania, por meio da internalização de conhecimentos, habilidades

técnicas, novas formas de solidariedade social, vinculação entre trabalho pedagógico e lutas sociais pela democratização da sociedade. Para isso, *é preciso que os sistemas de ensino e as escolas prestem mais atenção à qualidade cognitiva das aprendizagens*, colocando essa exigência como foco central da gestão escolar e do projeto pedagógico.

Não adianta defender a gestão democrática das escolas, eleições para diretor, aquisição de novas tecnologias, etc. se os alunos continuam sendo reprovados, tendo um baixíssimo rendimento escolar ou níveis insatisfatórios de aprendizagem. Se o aluno não aprendeu bem, se as crianças continuam repetindo, a escola não vem servindo para nada.

A democratização da sociedade e a inserção dos alunos no mundo da produção supõem um ensino fundamental como necessidade imperativa de proporcionar às crianças e jovens os meios cognitivos e operacionais que atendam tanto às necessidades pessoais como às econômicas e sociais.

3) Articular a vida da escola com o mundo social, mundo informacional e mundo comunicacional, tornando a escola um “espaço de síntese”

No mundo das novas tecnologias da comunicação e informação, a escola continua cumprindo funções que não são providas por nenhuma outra instância. Como já disse alguém, *o que está errado com a educação não é possível ser corrigido pela tecnologia*. Além de suas funções de provimento da formação geral, capacidade de ler, escrever e formação científica básica e estética, é preciso pensar a escola se convertendo num “espaço de síntese”, configurando-se como “espaço de espaços” (Cf. COLOM CANELLAS, 1994).

Quero propor uma escola como lugar de síntese entre a cultura experienciada, que acontece numa cidade, nos meios de comunicação e muitos outros aportes culturais, e a cultura formal. Em parte, a escola de hoje já é um espaço de síntese, mesmo que muitos professores mal se dêem conta disso. Em muitos lugares e escolas, o impacto de uma sociedade culturalizada pela informação das multimídias, especialmente a TV, já é fortemente sentido. Ver a escola como “espaço de síntese” é considerá-la como lugar onde os alunos aprendem a razão crítica para poderem atribuir significados às mensagens e informações recebidas das mídias e formas de intervenção educativa urbana. A escola deve ir se tornando uma estrutura possibilitadora de atribuição de significados à informação, propiciando aos alunos os meios de buscá-la, analisá-la, para lhe darem significado pessoal. Várias pesquisas têm mostrado a fragmentação dos programas de TV e propaganda que propiciam uma cultura em mosaico.

Convém destacar que a escola é a chance de acesso ao mundo do conhecimento, para fazer frente ao mundo da informação. Informação e conhecimento são termos que andam juntos, mas não se equivalem. O avanço tecnológico criou as novas tecnologias da comunicação e da informação, provocando uma reviravolta nos modos mais convencionais de educar e ensinar. Entretanto, *a informação é um caminho de acesso ao conhecimento, é um instrumento de aquisição de conhecimento, mas, por si só, não propicia o saber*. Ela precisa ser analisada, interpretada, retrabalhada, e isso é tarefa do trabalho com o conhecimento.

4) Repensar os processos de ensino e aprendizagem na sociedade do conhecimento e da informação

Há uma efetiva transformação na concepção de conhecimento, em decorrência da crise de paradigmas das ciências, das inovações tecnológicas e comunicacionais. Para essa nova racionalidade, é preciso reavaliar a investigação sobre ensino e aprendizagem. Ante o paradigma tecnicista do aprender a fazer, aprender a usar (conhecimento como operacionalização) e aprender a comunicar, é necessário fortalecer a investigação sobre os processos cognitivos, em que seja destacado o movimento do ensinar a pensar. Das escolas e dos professores, está sendo requerida a ajuda aos alunos no desenvolvimento da qualidade do pensar, de habilidades e estratégias de pensamento autônomo, crítico e criativo.

5) Repensar os processos de gestão da escola, construir coletivamente a autonomia da escola e o projeto pedagógico

A autonomia da escola é o contraponto da centralização da gestão do sistema escolar, que retira das escolas, dos professores, pais e especialistas o poder de iniciativa e decisão. Implica uma organização escolar que supera a visão verticalizada do sistema de ensino, de modo que as escolas possam traçar seu próprio caminho. Essa é a ideia de suporte do projeto pedagógico. *A autonomia das escolas depende de uma reconfiguração das práticas de gestão e dos processos de tomada de decisões.* Mas, ao serem criticadas essas práticas, foi perdido o entendimento de que a gestão implicava modos de fazer e agir e não apenas ações políticas. Ou seja, foi perdido o equilíbrio entre o lado político e o lado técnico das práticas de gestão. A participação de todos os membros da escola nos processos decisórios não exclui a necessidade de planejar, de administrar, de coordenar o trabalho das pessoas, de fazer o acompanhamento e a avaliação sistemática do trabalho escolar.

Autonomia e participação não podem servir para deixar as escolas ao abandono, funcionando às cegas. Por essa razão, é fundamental que a investigação pedagógica se dedique a estudos sobre o tema da gestão das escolas.

6) Formação e profissionalização dos professores

A atividade essencial de uma escola é assegurar a relação cognitiva do aluno com a matéria, ou seja, a aprendizagem dos alunos, com a ajuda pedagógica do professor. O professor é o mediador desse encontro do aluno com os objetos de conhecimento. O professor introduz os alunos no mundo da ciência, da linguagem, para ajudar o aluno a desenvolver seu pensamento, suas habilidades, suas atitudes. Sem professor competente no domínio das matérias que ensina, nos métodos, nos procedimentos de ensino, não é possível a existência de aprendizagens duradouras.

Se é preciso que o aluno domine solidamente os conteúdos, o professor precisa ter, ele próprio, esse domínio. Se os alunos precisam desenvolver o hábito do raciocínio científico, que tenham autonomia de pensamento, o mesmo se requer do professor. Se queremos alunos capazes de fazer uma leitura crítica da realidade, o mesmo se exige do professor. Se quisermos lutar pela qualidade da oferta dos serviços escolares e pela qualidade dos resultados do ensino, é preciso investir mais na pesquisa sobre formação de professores.

7) Assegurar uma vinculação mais estreita da Pedagogia com a Ética

É certo que as práticas educativas não suportam mais certezas absolutizadas, mas é impossível à Pedagogia ceder ao relativismo ético. No âmbito da atividade pedagógica,

marcos teóricos e morais são cruciais, pois, a todo momento, são requeridas opções sobre o destino humano, tipo de sujeitos a formar, o futuro da sociedade humana.

A Pedagogia, do mesmo modo que outras ciências práticas como a Ética e a Política, realiza atividades envolvendo relações entre pessoas e grupos sociais, de modo que carrega consigo uma intencionalidade voltada para finalidades formativas, implicando um comprometimento moral de seus agentes.

Se é verdade que os caminhos da formação humana são hoje mais espinhosos, entre outras razões porque não dispomos de tantas certezas como em outros tempos, por outro lado, não há motivos sólidos para renunciar à necessidade de formar sujeitos racionais mediante a valorização da razão crítica, o resgate do sentido da busca da autonomia e a afirmação de uma ciência não absolutizada conectada ao contexto social e cultural.

8) Um reforço da formação teórica dos Pedagogos, num Curso de Pedagogia

O mundo contemporâneo não apenas se apresenta como sociedade Pedagógica como pede ações pedagógicas mais definidas, implicando uma capacitação teórica e profissional de pedagogos e professores muito além daquela que apresentam hoje. Diferentemente de filósofos, sociólogos, historiadores da educação (que hoje, aliás, são maioria nas faculdades de educação), pedagogos e professores exercem uma atividade genuinamente prática, implicando capacidade de decisão, conhecimentos operativos e compromissos éticos.

A inserção do pedagogo na condição pós-moderna os obriga a uma abertura científica e tecnológica, de modo a desenvolver uma prática investigativa e profissional interdisciplinar. Precisamente porque a Pedagogia envolve trabalho com uma realidade complexa, é necessário que invista na explicitação da natureza do seu objeto, no refinamento de seus instrumentos de investigação, na incorporação dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos e que se insira na gama de práticas e movimentos sociais de cunho intercultural e transnacional, referentes à luta pela justiça, pela solidariedade, pela paz e pela vida.

9) A afirmação da especificidade do campo teórico-prático da Pedagogia

A síntese interdisciplinar, mencionada anteriormente, é apenas um passo prévio para definir o que é próprio da Pedagogia, ou seja, investigação da realidade educativa, visando, mediante conhecimentos científicos, filosóficos e técnico-profissionais, a explicitação de objetivos e formas de intervenção metodológica e organizativa relacionados com a transmissão/assimilação ativa de saberes. Está ressaltada aí a intencionalidade educativa própria de toda prática social, pois a Pedagogia envolve intervenção humana e, portanto, um comprometimento moral de quem a realiza. É mediante esse caráter ético- normativo que ela pode formular princípios e diretrizes que dão coerência à contribuição das ciências da educação quando estas colocam a ação educativa como referência para suas investigações.

O esclarecimento cada vez mais buscado do campo próprio da Pedagogia é requerido, também, por causa da amplitude e complexidade que vão assumindo as práticas educativas na sociedade globalizada, pelo que vão surgindo outras instâncias e agentes do processo educativo. Com isso, vão se abrindo campos de atuação profissional do pedagogo, no âmbito escolar e extraescolar, antes impensáveis. Portanto, é

essencialmente necessária a reconstrução da Pedagogia e a ampliação do campo de ação profissional do pedagogo (especialista em educação), paralelamente a um expressivo esforço de organização de um sistema nacional de formação inicial e continuada de professores para o Ensino Fundamental e Médio, tal como vem sendo pensado em países europeus e alguns latino-americanos.

O desenvolvimento da ciência pedagógica e a reflexão teórica sobre a problemática educativa na sua multidimensionalidade, entretanto, seria o pressuposto para a reconfiguração da identidade profissional dos professores, para além de sua especialização na ciência/matéria de ensino em que deve ser formado. Há, assim, evidências de que a Pedagogia, juntamente com o curso de formação profissional que lhe corresponde, não só não esgotou suas possibilidades de investigação teórica como tem pela frente grandes tarefas sociopolíticas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minhas considerações procuraram mostrar que a Pedagogia, passa por muitas inquietações. Eu penso que estamos numa encruzilhada. Ou deixamos tudo como está ou aproveitamos a oportunidade de implantação da nova LDB para dar um salto de qualidade na formação profissional dos educadores.

Estamos frente a novas realidades sociais desafiadoras. A sociedade contemporânea, ao mesmo tempo que se globaliza, que cria novos patamares de progresso material, amplia também a exclusão social. Nosso desafio é uma escola incluyente. Mas também uma escola atual, ligada no mundo econômico, político, cultural. A luta contra a exclusão social e por uma sociedade justa, uma sociedade que inclua todos, passa fundamentalmente pela escola, passa pelo nosso trabalho de professores.

Para isso, são necessários pedagogos. Pedagogos para vários campos educacionais. Mas principalmente pedagogos escolares, com competência para coordenar e fazer funcionar uma escola interdisciplinar, coletiva, propondo e gerindo o projeto pedagógico, articulando o trabalho de vários profissionais, liderando a inovação. Um pedagogo escolar que saiba fazer essa produção da teoria e da prática através da própria ação pedagógica. Um pedagogo que torne a organização escolar um ambiente de aprendizagem, um espaço de formação contínua, no qual os professores refletem, pensam, analisam, criam novas práticas, como pensadores e não como meros executores de decisões burocráticas.

Não vamos esmorecer. O capitalismo não morreu, continua sendo um sistema econômico que mantém privilégios, desigualdades, que aumenta os excluídos.

Ao menos na nossa parte, não vamos permitir que, em nossas mãos, crianças e jovens sejam excluídos. Para isso, é preciso nos conscientizar da importância de dar mais qualidade ao nosso trabalho, de estudar mais e permanentemente, de garantir uma sólida aprendizagem dos conhecimentos por todos os nossos alunos. Só assim estaremos prontos a responder a pergunta que intitula este trabalho.

Pedagogos por quê?? Porque ser pedagogo é um privilégio. É cuidar da humanização e da dignidade das pessoas; é ser condutor de almas e de sonhos; é lapidar diamantes; é semear em terreno sempre fértil e se encantar com a colheita.

REFERÊNCIAS

ESTRELA, A. C. *Pedagogia ou ciência da educação?* Porto: Porto, 1992.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez, 1998.

PIMENTA, S. G. (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999.

PIMENTA, S. G. (Org.). *Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: saberes e identidade da docência. In: PIMENTA, S. G. (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999.

ROMANELLI, O. de O. *História da educação no Brasil*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.